

LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NAS MARGENS DO RIO ALTO TROMBETAS II: O SÍTIO FAISAL, PARÁ

Lilian Rebellato  

Universidade Federal do Oeste do Pará / University of Gothenburg

Luiz Alexandre da Silva Barbosa

In memoriam

submissão: 01/02/2021 | aprovação: 09/08/2021

RESUMO

O projeto Geoarqueologia na Amazônia (CNPq-UFOPA) tem realizado o estudo etnopedológico e arqueológico junto às comunidades quilombolas que habitam a margem direita do rio Trombetas na Floresta Nacional Saracá-Taquera, município de Oriximiná (PA). No âmbito desse projeto foram identificados, até o momento, 12 sítios arqueológicos pré-coloniais, tendo ocorrido a abertura de uma unidade no sítio arqueológico Faisal, comunidade Juquirizinho, na qual foi obtida grande quantidade de material cerâmico. A região do Trombetas/Nhamundá vem sendo alvo de interesse e pesquisas arqueológicas desde o século XIX até a atualidade devido a ocorrência de ídolos de pedra, muiraquitãs, sítios extensos com terra preta e uma cerâmica indígena antiga ricamente decorada. Nesse artigo, os resultados das cerâmicas coletadas e suas implicações para o entendimento regional de ocupação serão apresentados por meio de uma análise comparativa (sincrônica e diacrônica), e suas implicações sobre a distribuição territorial de grupos pretéritos ao Norte do estado do Pará.

Palavras-chave: Alto Trombetas II; Cerâmica; Konduri; Espinha de Peixe.

**ARCHAEOLOGICAL SURVEY ON THE RIGHTS OF RIO
ALTO TROMBETAS II: THE FAISAL SITE, PARÁ**

**LEVANTAMIENTO ARQUEOLÓGICO DE LOS MÁRGENES
DEL RÍO ALTO TROMBETAS II: EL SITIO FAISAL, PARÁ**

ABSTRACT

The Amazon's Geoarcheology Project (CNPq-UFOPA) has carried out an ethnopedological study within *quilombola* communities living on the Trombetas River in the municipality of Oriximiná (PA). Surveys found out twelve pre-colonial archaeological sites have been identified so far, with the excavation of the Faissal site, in the Juquirizinho community, in which a large amount of ceramic material was obtained. The region of Trombetas/Nhamundá has been a target of interest and archaeological research since the 19th century to the present day due to the occurrence of stone idols, muiraquitãs, extensive sites with black earth and ancient indigenous pottery richly decorated. In this article, the results of the collected ceramics and their implications for the regional understanding of occupation will be presented through a comparative analysis (synchronic and diachronic), and their implications for the territorial distribution of past groups past to the north of the State of Pará.

RESUMEN

El Proyecto de Geoarqueología en la Amazonía (CNPq-UFOPA) ha realizado un estudio etnopedológico y arqueológico con comunidades quilombolas que habitan la margen derecha del río Trombetas en el Bosque Nacional Saracá-Taquera, municipio de Oriximiná (PA). En el marco de este proyecto, hasta el momento se han identificado doce sítios arqueológicos precoloniales, con la apertura de una unidad en el sitio arqueológico Faissal, en la comunidad Juquirizinho, en la que se obtuvo una gran cantidad de material cerámico. La región de Trombetas / Nhamundá ha sido objeto de interés e investigación arqueológica desde el siglo XIX hasta la actualidad debido a la aparición de ídolos de piedra, muiraquitãs, extensos sitios con tierra negra y una antigua alfarería indígena ricamente decorada. En este artículo se presentarán los resultados de la cerámica recolectada y sus implicaciones para la comprensión regional de la ocupación a través de un análisis comparativo (sincrónico y diacrónico), y sus implicaciones para la distribución territorial de los grupos pasados en el norte del Estado de Pará.

Keywords: Upper Trombetas II; Pottery; Konduri; Espinha de Peixe.

Palabras clave: Alto Trombetas II; Cerâmica; Konduri; Espinha de pescado.

INTRODUÇÃO

O projeto Geoarqueologia na Amazônia teve por objetivo realizar o levantamento de solos antrópicos popularmente conhecidos como Terra Preta de Índio (doravante TPA ou Terra Preta Antropogênica), na região Oeste do Pará. Este artigo tratará do levantamento realizado na região nomeada de Alto Trombetas II, em que estão localizadas comunidades quilombolas às margens do rio Trombetas e que apresentam uma série de sobreposições sobre o atual território quilombola. Uma vez que, na margem direita do rio, encontra-se uma Floresta Nacional (FLONA), a Saracá-Taquera, e à sua esquerda, uma Reserva Biológica (ReBIO), a do Rio Trombetas, as duas áreas no município de Oriximiná, Pará.

Até o momento, foram identificados sítios arqueológicos pré-coloniais em contextos de TPA na área de estudo que abrange as comunidades Moura, Curuçá, Juquirizinho, Palhal e Jamari (Figura 1). Trata-se de sítios extensos, implantados nas vertentes ou no topo de áreas mais elevadas no entorno dos lagos às proximidades do rio Trombetas.

Nesse sentido, aqui são apresentados os resultados das análises cerâmicas coletadas em campo na comunidade Juquirizinho, onde o sítio Faisal foi delimitado.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar os dados preliminares obtidos a partir da análise do material cerâmico do sítio Faisal, que apresenta predomínio da cerâmica Konduri e intrusão significativa da chamada cerâmica Espinha de Peixe. Espinha de Peixe no mesmo horizonte estratigráfico, sendo pontual a incidência do material Pocó que, tratando-se de uma incidência bastante reduzida na amostragem (dois fragmentos na base da unidade),

Este artigo tratará apenas da coexistência entre as cerâmicas Konduri e Espinha de Peixe. Tal correlação entre tipos cerâmicos distintos, antes de dizer respeito a limites espaciais e temporais de grupos culturais diferenciados, tem o potencial de discutir a interação entre indústrias cerâmicas ao menos em parte contemporâneas. Afinal, trata-se de uma região conhecida pelo contato e inter-relação entre culturas arqueológicas oriundas da Amazônia central e baixo Amazonas, bem como pelo registro etno-histórico e etnográfico da inserção das populações indígenas locais em extensas redes de trocas nas Guianas, onde a calha principal do Amazonas seria um dos polos de atração.

A comunidade Juquirizinho localiza-se a cerca de 50 km rio acima da cidade de Oriximiná. Trata-se de uma comunidade formada por 17 famílias, ao redor do lago Juquirizinho. A história de

ocupação no rio Trombetas por comunidades quilombolas remonta ao século XIX. Inicialmente, elas ocuparam áreas encachoeiradas, local estrategicamente escolhido. Atualmente, estão distribuídas ao longo do curso do rio Trombetas até as proximidades da cidade de Oriximiná e contam com aproximadamente 370 famílias, cujos descendentes estão entrelaçados por relações de parentesco, compadrio e outras afinidades (Funes 2000). Em geral, os núcleos familiares ocupam-se de suas áreas delimitadas pelas roças de mandioca e a vivenda, porém, a exploração de recursos naturais estende-se por quilômetros de distância da área doméstica, com rotas estabelecidas sazonalmente para extração de castanhas-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) e de outros produtos, como a andiroba (*Carapa guianensis*) e a copaíba (*Copaifera langsdorffi*). Funes (2000) destaca a divisão dos espaços estabelecidos desde o início da formação dos mocambos, o de morar e o de trabalhar. Até os dias atuais, esse padrão permanece nas comunidades, onde as casas estão próximas às margens dos rios ou lagos, enquanto os roçados ficam no “centro” (ou interior) e, assim, afastados de suas margens (Funes 2000).

Inserido nesse contexto, cinco sítios arqueológicos foram identificados ao redor e nas proximidades do lago Juquirzinho, porém, o único local escavado com abertura de unidade controlada

foi em uma área de roçado. Durante as atividades de campo, além de tradagens para delimitar o sítio, foi aberta uma unidade de escavação de 1m² para controle estratigráfico do sítio.

O local escolhido para abertura dessa escavação foi devido aos relatos dos responsáveis pelo roçado, sra. Rosane Fernandes dos Santos e sr. Faisal Corrêa dos Santos. De acordo com o casal, em uma área de aproximadamente 30 m², eles nunca prepararam a terra para plantações, devido à grande quantidade de cerâmica que aparece quando começam a cavar para abertura das covas (manicujá) para plantar as manivas de mandioca. Tanto o fato de não haver revolvimento do solo devido à plantação e retirada do tubérculo, quanto a grande quantidade de cerâmica, que impedia inclusive a realização de uma tradagem, resultaram na decisão de abertura de uma unidade-teste para verificar a distribuição cerâmica através do perfil.

Os responsáveis pelo roçado relataram também que a comunidade ocupa a área há 21 anos e seu roçado tem, pelo menos, 12 anos, contando o período de pousio de um ano para cada dois de produção. Utilizando o método de níveis controlados e artificiais de 10 cm de profundidade, todo material foi devidamente coletado de acordo com sua categoria e profundidade. Quanto às referências das profundidades retiradas de cada nível, elas foram realizadas com base em um *datum*.

Todo o material coletado foi acondicionado em bolsas plásticas com número de identificação (ID), atrelado às informações referentes à origem, tipo de material, profundidade, data e local da coleta.

Na ficha de escavação, dados referentes ao contexto eram registrados, tais como presença/ausência de TPA, textura do solo, posicionamento dos artefatos, bioturbações e demais observações necessárias, somada à foto de base de cada nível, registrando a distribuição do material. O material arqueológico cessou a 80 cm de profundidade, porém a unidade foi escavada até 100 cm para averiguar a possibilidade de encontrar mais uma camada de ocupação. Além disso, uma tradagem foi realizada no centro da unidade, sem qualquer identificação de vestígio material. Por fim, os perfis da unidade foram desenhados e fotografados (Figura 2). Os comunitários colaboraram de forma integral desde o levantamento dos sítios e durante a abertura da unidade. Um outro artigo se debruçará sobre essa parceria e as conclusões obtidas pela comunidade sobre os antigos habitantes da região, pois diariamente, os comunitários visitavam a escavação e suas impressões também foram registradas, porém, não serão tratadas neste texto.

Os resultados da análise do material cerâmico onde o sítio Faisal está inserido apontam para um quadro semelhante ao já evidenciado em termos de variabilidade do material cerâmico no mesmo

horizonte estratigráfico, tal como apontado na literatura (Guapindaia 2008, Hilbert 1955, Hilbert & Hilbert 1980, Jácome 2017, Panachuk 2016) e para a região de incidência da cerâmica Konduri. Estudos que se debruçaram sobre esse material apontam a incidência de, ao menos, três tipos cerâmicos com cronologias distintas: o Pocó, de estratigrafia mais profunda e antiga (I a.C. e IV d.C.), caracterizando-se pela utilização da policromia, modelado e incisões como decoração; o Konduri, mais recente (entre X e XV d.C.), associado à tradição Inciso-Ponteadada, sendo marcado pela profusão de modelados, incisões e ponteados como motivos decorativos, bases trípedes com suportes cônicos e adornos biomorfos; e por fim, o Espinha de Peixe, associado à decoração incisa descrita com a forma de espinha de peixe, mas sem grande aprofundamento em sua análise na literatura disponível, tampouco datação.

Ao procurar compreender o contexto de ocupação na área de pesquisa, após observar a distribuição de dois conjuntos distintos cerâmicos que compartilham alguns níveis de distribuição estratigráfica, levou-se em consideração sua contextualização no próprio sítio (contextualização interna), junto com o cruzamento de dados oriundos da etapa de escavação, inserindo-os num panorama regional do povoamento indígena do Trombetas por meio do levantamento bibliográfico

de pesquisas arqueológicas, etno-históricas e etnográficas. O objetivo alcançado foi justamente o cruzamento de dados de frequência cerâmica entre os níveis e horizontes estratigráficos com os dados oriundos de campo, provenientes de tradagens e de uma unidade de escavação. Apesar de preliminares, realizou-se o exercício de inter-relacionar contextos etno-históricos e etnográficos aplicados ao material arqueológico encontrado. O objetivo, portanto, foi aplicar conceitos desenvolvidos por Schaan (2012), dentre outros autores, no que tange o desenvolvimento de uma Arqueologia Interpretativa, inserindo questões referentes a relações interculturais regionais e multiétnicas.

2 A CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E REGIONAL

As primeiras informações sobre a ocupação indígena do rio Trombetas foram produzidas no âmbito das primeiras viagens e explorações ibéricas entre meados do século XVI e primeira metade do XVII. De um modo geral, esses relatos caracterizam a região como bastante povoada em sua foz, com a existência de grandes aldeias, havendo referência principalmente aos índios Conduris (Conuris, Condurizes).

A contextualização regional promoveu uma pesquisa bibliográfica de extenso material

publicado sobre a região e, devido ao grande volume de referências, foram privilegiadas as leituras referentes às pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região e proximidades (Alves 2018, Guapindaia 2008, Guapindaia & Lopes 2012, Gomes 2011, Hilbert 1955, Hilbert & Hilbert 1980, Jácome 2017, Panachuk 2016, Schaan 2016), as fontes etno-históricas que permitiram a reconstituição do panorama de ocupação indígena do baixo Trombetas ao longo do período colonial (Acuña 1994 [1641], Bettendorff 1990 [1698], Fritz 1918, Heriarte 1964 [1663], Porro 1996, 2008, Ugarte 2009) e aos trabalhos etnográficos ou historiográficos que trabalharam com a ideia da existência de extensas redes de relações de troca entre as populações indígenas da Guiana desde o período pré-colonial (Caixeta de Queiroz 1999, 2008, Dreyfus 1993, Farage 1991, Gallois 1986, Gallois et al. 2005). Durante a execução do projeto de pesquisa, uma problemática surgiu e passou a guiar a análise e as leituras, que foi o da aparente interação nos mesmos níveis estratigráficos das cerâmicas Konduri e Espinha de Peixe, o que já havia sido verificado por pesquisas anteriores em outros sítios da região. Por que indústrias cerâmicas tão distintas em aspectos tecnológicos e estilísticos surgem no mesmo contexto? Que tipo de interação sociocultural tal materialidade poderia representar/expressar?

3 O CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO

De acordo com os relatos, o chefe Aparia havia alertado frei Gaspar de Carvajal (1541-42) de que ao descer o Grande Rio, os exploradores espanhóis iriam se deparar com a Grande Chefe, que comandava uma área bastante populosa e hostil. O que surpreendeu Carvajal nesse encontro foi terem se confrontado com uma grande quantidade de mulheres guerreiras, descritas como altas, robustas, com cabelos longos trançados e que usavam apenas uma tanga (Souza 2009). Carvajal também indica a submissão dos povos que habitavam a região Nhamundá-Trombetas a esse senhorio de mulheres situado no interior, cuja chefia seria exercida por uma guerreira conhecida como *Coñori* (Porro 1996:58-59, Ugarte 2009:12).

Maurício de Heriarte (1964 [1662]: 38) refere-se aos índios do Trombetas como tendo “os próprios ídolos, cerimônias e governo que tem os Tapajó”, o que poderia indicar hierarquização de chefia, pois entre os últimos cada “rancho” era governado por um chefe principal e a todos governaria um “principal grande” (Heriarte 1964 [1662]: 38). O cronista ainda os caracteriza como inclinados a festas e “borracheiras”, utilizadores de trombetas, arcos e flechas, e produtores de “muita e boa louça [de barro] de toda sorte”, assim como eram os Tapajó (Heriarte 1964 [1662]::39).

As referências conjuntas aos índios do

Trombetas e Tapajós não são fortuitas e indicam similaridades socioculturais entre as populações que as habitavam. Aproveitavam-se bastante da caça e pescaria no Amazonas, que era muito abundante em peixes, tartarugas e peixes-boi. Suas roças eram fartas de mandioca e nos lagos crescia muito arroz, a partir do qual produziam vinho, que era “contratado”, assim como o eram as louças de barro, com outras províncias de índios (Heriarte 1964 [1662]:39).

Heriarte (1964:38) cita ainda a existência de outros povos denominados Bobui, Aroase, Tabao, Curiato “e muitos outros”, enquanto Cristóbal de Acuña (1994 [1641]), além de se referir aos Cunuri ou Conduri residentes na foz, indica a ocupação de Apanto, Taguau e Cacará, rio acima (Acuña 1994 [1641]), o que aponta também para a diversidade étnica existente na região à época do contato com os europeus.

O avanço da ocupação luso-brasileira pelo rio Amazonas a partir de meados do século XVII provocou rápida depopulação entre as populações indígenas devido a epidemias, conflitos, escravização e migrações forçadas provocadas por expedições de guerra, resgate e incursões missionárias. Esse panorama promoveu reconfigurações territoriais e transformações socioculturais, étnicas e políticas entre as populações que viviam tal contexto, não raro, havendo o deslocamento de grupos para

áreas afastadas da calha principal do Amazonas, que exerceram pressão sobre outros povos que já habitavam essas regiões (Hemming 2007, Whitehead 1993).

A atuação missionária no Trombetas foi exercida pelos jesuítas até 1693 e, a partir de então, passou para a responsabilidade dos padres franciscanos da Ordem Secular da Piedade (Leite 1950). Betendorff (1990), superior da missão jesuítica no Grão-Pará, data em 1658 o estabelecimento da primeira missão entre os Condurize, que logo foi abandonada, sendo as aldeias, alvos de visitas dos padres. Fritz (1918 [1691]) localiza em seu mapa os Condurize como habitantes do interior da região e da área onde seria construído o forte dos Pauxis, atual Óbidos. No início do século XVIII, a relação do missionário frei Francisco de São Manços (1725-1727) não cita povoamento no baixo curso do rio Trombetas até a cachoeira Porteira, não havendo referência aos Condurize (Porro 2008), sendo tal panorama provável consequência dos sucessivos descimentos realizados para a aldeia missionária do Nhamundá (São João Batista), atualmente a cidade de Faro.

O panorama etnográfico do Trombetas é marcado a partir de então pelo povoamento de grupos de línguas Karib em suas cabeceiras, como no Mapuera, Cachorro e Erepecuru, que são áreas de difícil acesso e que se mantiveram relativamente

“preservadas” das incursões coloniais. A julgar pelos relatos do próprio frei Francisco de São Manços e de viajantes e naturalistas que percorreram a região no século XIX, tal como Schomburgk (1835-39), Brown (1876, 1878) e o casal Coudreau (1899-1900), tratava-se de uma área de ocupação e conformação étnica dos Waiwai, que incorporaram diversos grupos Yana e outros, como os do complexo Tarumã-Parukoto. Esse complexo cultural, por sua vez, engloba grupos autônomos e interdependentes ao mesmo tempo, com estabelecidas relações comerciais, rituais e matrimoniais, dentre elas, os Karapawyana, os Waiwai, os Katuena, os Hixkaryana, os Mawayana, os Xowyana, os Tikyana, os Xereu, os Tunayana, os Kamarayana, os Yaiپیyana e os Pianokoto, bem como os indígenas isolados, que habitavam uma extensa área compreendida pelas bacias dos rios Trombetas, Jatapu, Anauá, Nhamundá e Mapuera (Caixeta de Queiroz 2008).

No final do século XIX e início do XX, os grupos pertencentes ao complexo cultural Tarumã-Parukoto viviam dispersos na fronteira do Brasil com a Guiana, nas cabeceiras dos rios Essequibo e Mapuera, os Waiwai, por exemplo, viviam em pequenos assentamentos de 20 a 50 pessoas e, com a intensificação do processo colonizador, estariam dizimados pelas epidemias trazidas pelo contato com não indígenas se não fosse os casamentos

arranjados com os Mawayana, os Katuena, os Hixkaryana, os Xereu, os Tiriyo e os Wapichana, fato comum de ocorrer com mulheres desses outros povos (Caixeta de Queiroz 1999).

De acordo com Caixeta de Queiroz (1999), o início do século XX para essa região foi marcada pelo processo de reconfiguração étnica em meio ao contato com missionários, comissões de demarcação de limites e frentes de atração de ambos os lados da fronteira Brasil e Guiana. Os Waiwai foram reconhecidos como participantes de redes de troca que atravessavam a região interior das Guianas e Norte do Brasil, contribuindo com o circuito de bens, como algodão, cães de caça, raladores de mandioca, papagaios falantes e contas de vidro (Caixeta de Queiroz 1999). Além da materialidade em si, esse intercâmbio articulava diversos tipos de relações simétricas e/ou assimétricas, tais como casamentos, alianças, inimizades e domínio, além de ser responsável pela propagação de ideias, línguas, cosmologias, informações e epidemias, dentre outras dimensões intangíveis (Gallois 1986, 2015).

As extensas redes de troca articularam, direta ou indiretamente, diversos povos indígenas desde o litoral da Guiana até a calha principal do Amazonas possivelmente desde o período pré-colonial e chegaram mesmo a integrar mercadorias holandesas e escravidão indígena

a partir do século XVII (Dreyfus 1993; Farage 1991). A circulação de humanos e não humanos, ideias e objetos por grandes extensões territoriais, somada a uma profundidade temporal do complexo Tarumã-Parukoto, reúne os elementos centrais para o desenvolvimento de uma Arqueologia regional capaz de resgatar a história indígena anterior à chegada dos europeus na região. No entanto, faz-se necessária a contextualização tanto da sociabilidade entre esses povos como de sua cosmologia. Gallois (1999) reflete sobre a concepção ocidental sobre terra e territorialidade e o impacto de um território fixo para os Waiãpi quanto à necessidade de regulamentação fundiária e proteção de áreas indígenas durante as décadas de 1980 e 1990. O conceito de limite de um território era alheio à cosmologia e sociabilidade do grupo. Gallois esclarece também que a noção de um “nós” Waiãpi surgiu a partir da apropriação de uma territorialidade limitada, ambas construções, a saber: “nós” e de “territorialidade” são interdependentes (Gallois 2000:48).

A impressão dada por frei Francisco de São Manços sobre o vazio ao longo do Trombetas, ao menos onde suas águas são “mansas” remete também à questão das pressões que a colonização exerceu na calha do rio Amazonas e a necessidade de fuga desses grupos relatados pelos jesuítas, ou adesão, quando Manços relata os descimentos.

Pode-se dizer que um “corredor” foi aberto devido aos deslocamentos dos grupos indígenas ao longo do rio Trombetas.

Por outras razões, e após a segunda metade do século XIX, fugindo da escravidão, imposições a trabalhos forçados somados a maus-tratos, grupos afrodescendentes passam a subir o Trombetas para criarem os primeiros núcleos de resistência e abrigo, chamados de mocambos. Libertando-se das fazendas, plantações e núcleos urbanos de Santarém, Alenquer e Óbidos, as primeiras ocupações desses grupos estabeleceram-se acima das cachoeiras do Trombetas e Curuá (Funes 2015). Aproveitando-se da característica acidentada da geografia local, esses atores passaram a povoar a área e construir comunidades. De acordo com O’Dwyer (2002), as comunidades quilombolas da região de Oriximiná são conhecidas por seu isolamento geográfico em relação às demais comunidades localizadas ao longo do rio Amazonas e seus afluentes. O casal Coudreau e o botânico Ducke atentaram-se para o isolamento dessas comunidades no início do século XX, fazendo referência à dificuldade de acessar a região devido aos acidentes geográficos. Esse isolamento estratégico deveu-se, principalmente, ao difícil acesso dado às barreiras naturais existentes na região que naturalmente protegiam os mais recentes ocupantes de seus perseguidores, o

que acabou mantendo as práticas tradicionais de manejo da paisagem bem como a preservação de recursos naturais e da identidade cultural desses povos (O’Dwyer 2002). Com o fim do regime escravocrata brasileiro, muitas comunidades remanescentes de quilombo passaram a descer o rio e a ocuparem também o baixo curso do Trombetas, a jusante dos trechos encachoeirados (Acevedo & Castro 1998, Funes 2000, 2005, Gomes 2005, Grupioni & Andrade 2015).

Durante o processo inicial de constituição das comunidades quilombolas, locais com pontos de observação estratégicos, ao mesmo tempo, escondidos para observadores desde o leito do rio e onde fosse possível plantar e com natureza generosa, eram os escolhidos para moradia (Funes 2015). Tratando-se de uma região completamente desconhecida, esses grupos tiveram que desenvolver uma forma de aprendizado com esse espaço para garantir sua sobrevivência, pois aquelas matas circundadas por lagos, igarapés e o Rio Grande (Trombetas) chegaram a formar verdadeiros labirintos para o viajante desavisado. Grande parte desse aprendizado foi apreendido pelo contato com os grupos indígenas ocupantes da região, os quais tinham domínio do ambiente e de seus regimes, cujo controle de seu território era pleno (Funes 2015).

Atualmente, ainda que reconheçam a cerâmica

arqueológica como de produção indígena pretérita, tais artefatos funcionam como vetor de identidade para as comunidades quilombolas, na medida em que são inseridas numa concepção de territorialidade comum de ocupação humana de longa duração, cujo aspecto mais recente diz respeito ao povoamento por grupos de origem afro-brasileira a partir de meados do século XIX. Desse modo, tais comunidades estabelecem interpretações próprias e relações de convivência e apropriação dos vestígios arqueológicos da região, esses aspectos serão abordados em outros artigos, por ora, apresenta-se o panorama das pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região e seus resultados. Por fim, a presença e reocupação da área pelas comunidades afrodescendentes estabeleceu uma sequência de sobreposições, agora registradas historicamente, que ocorre ao longo do rio Trombetas, e que se inicia desde próximo à cidade de Oriximiná até a montante da cachoeira da Porteira. De acordo com a Comissão Pró-Índio, as comunidades do Alto Trombetas I têm seu território parcialmente titulado e as do Alto Trombetas II não titulado (CPI-SP 2020).

4 INÍCIO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

O início das pesquisas arqueológicas na região amazônica e, por conseguinte, na área do Trombetas, remete à segunda metade do século

XIX com os estudos pioneiros e exploratórios do geólogo Hartt (1875), do botânico Barbosa Rodrigues (1875) e do fundador do Museu Paraense, Ferreira Pena (1877), todos citados por Sanjad (2011). Esse período foi marcado por explorações de locais desconhecidos no Brasil, apoiadas pelo Imperador, que buscava identificar exemplares da fauna, flora e de povos originários, projetando, na época, a ciência brasileira no âmbito científico internacional (Gomes 2020).

Já no início do século XX, os levantamentos arqueológicos realizados por Curt Nimuendajú identificam o estilo cerâmico da região do Nhamundá-Trombetas como Konduri (diferenciando-o da cerâmica Santarém) em referência aos Condurize, povos locais registrados pelos cronistas coloniais (Guapindaia 2008, Gomes 2011, Schaan 2016). A denominação foi descrita por Hilbert na década de 1950 como uma cerâmica marcada pelo uso de grande quantidade de cauixi como antiplástico, profusão de modelados, incisões e ponteados como motivos decorativos, bases tripodes com suportes cônicos, adornos biomorfos, dentre outros aspectos (Hilbert 1955). A retomada de pesquisas sobre esse estilo, na década de 1980, a definiram como uma cerâmica geralmente bem oxidada, formada por vasilhas em forma de tigelas rasas e fundas, vasos com bordas extrovertidas espessadas externamente ou

assadores de mandioca. Tanto as bordas das tigelas, como dos vasos e assadores apresentam decoração incisa, executada com motivos retilíneos. Já as bases variam entre planas, em pedestal e anelares, sendo a mais típica a base trípode, com suportes cônicos, simples ou decorados com modelado biomorfo, de 3 a 15 cm. A decoração diagnóstica apresenta incisões inciso-ponteadas, com aplicação de botões, filetes aplicados e adornos bimorfos altamente complicados (Hilbert & Hilbert 1980).

Hilbert e Hilbert (1980) também identificaram na região a cerâmica denominada Pocó, caracterizada pela utilização da policromia, modelada, tendo incisões como decoração cauixi e o cariapé como antiplástico predominante e vasos carenados. Baseados em dados estratigráficos e datações, os autores concluíram que a cerâmica Konduri – associada à tradição Inciso-Ponteada – está relacionada tanto estilisticamente quanto cronologicamente ao complexo cerâmico Santarém (Meggers & Evans 1961, Simões 1972); ambas mais recentes e associadas às populações relatadas pelos primeiros exploradores no período inicial de contato; enquanto a Pocó seria mais antiga (65 a.C. e 205 a.D), com características relacionadas às cerâmicas barrancoide do rio Orinoco (Hilbert & Hilbert 1980).

Outro tipo cerâmico definido por Hilbert (1955) na região que abrange Nhamundá-Trombetas, ainda

de forma imprecisa, foi o chamado estilo Globular, que corresponde a uma cerâmica semelhante à Konduri, mas na qual é utilizada menor quantidade de cauixi como antiplástico, o que a torna menos áspera e dura (Hilbert 1955). Quanto ao aspecto decorativo, o Globular seria caracterizado pela composição de linhas e pontos incisos, além de apêndices redondos ou ovais, que podem ser lisos ou com aplicação de orifícios circulares e ovais no topo. Quando comparada à Konduri, ela apresenta decoração plástica mais sóbria, sendo identificada em sítios de TPA próximos ao rio Amazonas, como em Oriximiná, Lago Sapucu, Terra Santa e Faro (Hilbert 1955).

Hilbert (1955) também diferenciou um tipo de cerâmica com antiplástico de areia e decoração plástica predominantemente formada por motivos incisos em forma de espinha de peixe e botões achatados de forma cônica. O autor descreveu a cerâmica como dura, áspera, com a superfície alisada, sem pintura e com a decoração plástica aplicada na porção superior externa do vaso (Hilbert 1955). O autor não apresenta datações para esse tipo de material, tampouco algum tipo de modelo explicativo para sua ocorrência.

Pesquisas sistemáticas seriam retomadas na região a partir da década de 1980 com os estudos de Arqueologia Preventiva relacionados aos empreendimentos ligados à exploração

de bauxita e infraestrutura energética, o que promoveu a ampliação dos levantamentos de sítios e escavações, cujos resultados refinaram as cronologias obtidas até o momento e permitiram maior acuidade na caracterização de sua cultura material. Em Porto Trombetas, nas décadas de 1990 e 2000, Guapindaia (2008) investigou sítios localizados em ambientes ribeirinhos (rios e lagos) e no interflúvio. Nos primeiros, foram identificados sítios de habitação com TPA e grande quantidade de material litocerâmico associado às ocupações Pocó e Konduri nos mesmos sítios. Já no interflúvio, os sítios são menos densos, alguns sem TPA e apenas com cerâmica Konduri. As datações obtidas evidenciaram maior antiguidade para os horizontes associados à cerâmica Pocó com intervalo de ocupação entre II a.C. e IV d.C., enquanto a cerâmica Konduri foi datada entre o século X e XV d.C. (Guapindaia 2008).

A Scientia Consultoria identificou sítios de TPA associados às cerâmicas Pocó e Konduri nas regiões dos rios Trombetas (PA) e Nhamundá (AM) em diferentes ambientes ou próximos à calha do Amazonas (Panachuk 2016). Em alguns sítios, à semelhança do ocorrido nas pesquisas de Guapindaia (2008), a cerâmica Pocó compartilhava o mesmo espaço com a Konduri até níveis mais superficiais, não ocorrendo hiatos de ocorrência entre esses materiais, ainda que a fase Pocó seja mais

antiga (I a.C. e III d.C.) do que a Konduri (XIV d.C.). A cerâmica Pocó apresenta uma extensa distribuição geográfica, principalmente na calha do Amazonas assim como a inserção da cerâmica Konduri na região do baixo Amazonas, ambas conduzem a uma ampla discussão sobre interculturalidade no baixo e médio Amazonas, respectivamente. Gomes (2011) descreve a ocorrência da cerâmica Pocó no sítio Aldeia, Santarém (PA), datando de 1800 a 3020 a.P., em certos contextos ocorrendo em associações com fragmentos hachurado-zonado, indicando uma diversidade de grupos coexistindo e interagindo na região (Gomes 2011). Para Neves et al. (2014), a ampla distribuição da cerâmica Pocó na Amazônia indicaria um novo padrão de ocupação, interpretado como resultado dos primeiros reflexos de antropização da paisagem constituída por sociedades responsáveis pelas formações iniciais das TPA. Devido sua ampla extensão geográfica, profundidade temporal, particularidade estilística associada ao início da formação das TPA, os pesquisadores entenderam que se tratava não apenas de uma fase, mas de uma tradição cerâmica, denominada desde então de Pocó-Açutuba (Neves et al. 2014). A transição da cerâmica Pocó para Konduri apresenta-se ainda como um ponto a ser pesquisado, pois ora aparecem associados nos mesmos níveis estratigráficos, ora sobrepostos. Neves et al. (2014) interpretam como

uma possível transição belicosa, porém ainda não há dados suficientes para confirmação, no presente trabalho, se as duas cerâmicas não compartilham o mesmo substrato, porém, a amostragem não é suficiente para validar ou falsear tal hipótese

Uma característica que poderia estar associada a questões bélicas e distribuição cerâmica seria uma lacuna na distribuição da cerâmica policrômica existente entre o atual município de Parintins e a foz do rio Tapajós, como apontado por Stengorg, Schaan e Amaral (2012), área cuja cerâmica está associada a tradição incisa ponteadada. Nimuendajú constatou que Parintins (AM) seria a última fronteira para a cerâmica Konduri e, a partir desse ponto, a distribuição da policromia a Oeste, está representada pelas cerâmicas Guarita e Itacoatiara. A partir da foz do rio Tapajós, a policromia estaria representada a Leste pela cerâmica Marajoara (Stengorg, Schaan, & Amaral 2012). Gomes (2011) revisita informações etno-históricas nesta região durante e pós-contato e as interpreta como expressão da existência comum de formas de organizações sociais e cosmológicas entre esses grupos, que vão muito além de uma simples correlação estilística-cronológica entre as cerâmicas Konduri e Santarém.

Quanto aos levantamentos realizados no Trombetas, tanto a Pocó como a Konduri estão

bem mais evidenciadas e estudadas, quanto as pouco compreendidas cerâmicas do tipo Globular (Hilbert & Hilbert 1980) e Espinha de peixe (Hilbert 1955). Quanto à Espinha de Peixe, foco deste artigo, o autor a caracteriza por conter areia (quartzo) como antiplástico, com fragmentos pouco espessos, densos e decorados com motivos incisos e adornos circulares.

Se no contexto regional, as cerâmicas Konduri e Santarém apresentam associações que sugerem contemporaneidade, exprimindo muito mais que uma simples relação de troca, no contexto local, a Konduri e a Espinha de Peixe, compartilham a mesma proximidade estratigráfica remetendo, por um lado, à certa fluidez dos territórios, trocas, redes e organizações cosmopolíticas; mas por outro, como apontado por Jácome (2017), tal simultaneidade pode decorrer de processos pós-deposicionais devido à movimentação de solo pela coleta de mandioca, realizada tanto em tempos pretéritos como atuais em alguns sítios levantados.

Pesquisas recentes desenvolvidas no âmbito do projeto Norte-Amazônico (UFMG) nos rios Cachorro e Mapuera, afluentes do Trombetas, identificaram a variabilidade no material cerâmico identificado nos sítios arqueológicos da região. Os resultados desses trabalhos indicaram a possibilidade de múltiplas influências culturais

oriundas tanto da região do rio Amazonas como daquelas da Guiana. Jácome (2017) traça um modelo explicativo no qual os sítios que estariam situados próximos ao rio Trombetas apresentariam cerâmica com características similares à Konduri, bem como a Espinha de Peixe, ambas distintas entre si, a primeira apresentando maior quantidade de cauxi. Quanto à segunda, apresentaria misturas de argilas com predominância de antiplásticos minerais, os motivos decorativos diagnósticos estariam associados a características específicas, respectivamente. Sítios situados mais a Norte, no alto Mapuera, apresentariam traços mais próximos aos das cerâmicas da Guiana, tais como a Koriabo, a Tarumã e a Rupununi, com incidência maior de mineral como antiplástico (Jácome 2017).

O estudo de Alves (2018) identificou fragmentos de vasos de gargalo em coleções de material Konduri e suas relações de similaridade com a cerâmica Santarém, que é a que apresenta os vasos de gargalo como um de seus elementos diagnósticos. Schaan (2016) aponta para a existência de interações entre os povos Konduri e Tapajó, o que se expressaria em suas respectivas cerâmicas, validando assim algumas fontes etno-históricas e estudos arqueológicos anteriores. Gomes (2010) observou que a vasos de gargalo na cerâmica Tapajônica foram confeccionados para guardar líquidos e abordou o caráter cerimonial

desses artefatos, classificando-os como uma tecnologia xamânica, ou seja, de que tais objetos intermediaram as relações entre seres humanos e não humanos, além disso, a tecnologia cerâmica também representaria um sistema de pensamento e de organização social.

Em seu levantamento arqueológico realizado na região do Tapajós, Schaan (2016) identificou cerâmicas de estilo Konduri em quatro sítios arqueológicos no baixo Tapajós. Além das cerâmicas com características Konduri, a pesquisadora também identificou fragmentos com incisões que remetem aos motivos Espinha de Peixe. Dessa forma, ao contrário do contexto hierarquizado encontrado no Marajó, as evidências encontradas na região do Tapajós sugerem que os grupos que habitaram essa região não apresentavam estratificação, tampouco centralização, mas sim as evidências apontaram para uma história cultural comum por meio de um viés focado em atividades econômicas especializadas, internas e externas a este sistema, que também englobaria rituais religiosos (Schaan 2016). Assim, trocas entre regiões economicamente especializadas, ou aproximações ritualísticas associadas a interações xamanísticas, que representavam um sistema de pensamento e de organização social comum, remete a um fluxo de matéria e espírito que é personificado principalmente nos motivos

cerâmicos, mas não apenas, pois uma série de materiais líticos também representa uma extensa rede de contato entre distintos grupos.

5 AS ANÁLISES

A análise do material cerâmico foi realizada com fragmentos diagnósticos (bordas, bases, carenas, apliques/adornos e corpos decorados) de modo a orientar a organização e interpretação dos dados a partir da perspectiva da integração desses fragmentos ao artefato, no caso, vasilhames cerâmicos reconstituídos (Oliveira 2005). A análise foi realizada de modo a dispor as informações observadas em cada fragmento diagnóstico numa ficha de análise, baseada na metodologia desenvolvida pelo projeto Baixo Amazonas. As análises quantitativas, tecnológicas e de atributos baseiam-se em Sheppard (1985) e Rice (2005) e para nomenclaturas, em Chmyz (1976).

Tal análise foi orientada de modo a permitir o tratamento estatístico dos atributos e de suas variáveis por meio de planilhas de dados do programa Microsoft Excel (OpenOffice). O material foi triado de acordo com sua característica diagnóstica como borda, base, parede decorada e adornos/apêndices. Dentre os atributos analisados, foram selecionados os tipos de antiplástico, de queima, da tecnologia de manufatura, a decoração

(plástica e/ou pintada), o tratamento de superfície e a espessura das paredes. Todos lançados em planilha que, após análise comparativa, possibilitou a identificação de diferenciações consistentes entre uma indústria e outra.

Os dados foram dispostos em porcentagem numa perspectiva sincrônica (horizontal) a partir de comparativos com o material do mesmo nível (a cada 10cm) e numa perspectiva diacrônica (vertical) de modo a verificar o comportamento das variáveis entre os níveis. Desse modo, objetivou-se apreender as possíveis interações entre os tipos cerâmicos distintos, a saber, Konduri e Espinha de Peixe, e se tal diferenciação é factível. Análises referentes à cadeia operatória não serão apresentadas neste artigo.

Ao final, o resultado foi a elaboração de um panorama geral a respeito da Arqueologia do Alto Trombetas II, em especial, da ocupação relacionada à cerâmica Konduri, e a inserção dos dados da análise do material cerâmico do sítio Faisal neste contexto, indicando similitudes e diferenciações em relação aos resultados de pesquisas anteriores realizadas em áreas adjacentes e contribuindo com as principais discussões em voga sobre a Arqueologia da região, tais como definição de áreas culturais, suas inter-relações e formação de sociedades complexas na Amazônia pré-colonial.

6 RESULTADOS OBTIDOS

De um total de 2.448 fragmentos, foram analisadas 326 cerâmicas que corresponderam à amostra definida pela metodologia proposta, ou seja, considerar fragmentos diagnósticos maiores de 5 cm. A partir da análise do material cerâmico oriundo dessa escavação foram identificados os fragmentos Konduri e Espinha de Peixe no mesmo horizonte estratigráfico.

Do total analisado, 13% da amostra (41 fragmentos) apresentam características da cerâmica Espinha de Peixe e os demais, 87% da amostra, são Konduri, somando um total de 285 fragmentos. As primeiras ocorreram com mais frequência entre os níveis 10-20 cm e 20-30 cm, ainda que se estendam até o 40-50 cm. Já as Konduri se estendem da superfície até o nível 50-60 cm com maior quantidade nos dois primeiros níveis (0-10 cm e 10-20 cm). A camada ocupacional constituída por TPA ocorre até o nível 40-50 cm e coincide com o maior adensamento de material cerâmico (Gráfico 1 e 2).

A análise de indústrias cerâmicas foi realizada por trabalhos anteriores e os resultados apresentam similaridades na distribuição da cerâmica Espinha de Peixe no perfil estratigráfico em relação à associação com outros conjuntos cerâmicos. No caso do sítio Faisal, sua predominância encontra-se principalmente entre 10 a 30 cm de profundidade,

com 15 fragmentos em cada nível (Gráfico 2).

A maior parte da amostra analisada da cerâmica Konduri é formada por bordas (simples e decoradas) compondo 75% da amostra, seguida pelas bases compostas por 12,98% da amostra, corpos decorados somam 6,66%, bases tripodes são 3,85% e adornos/apêndices representam 1,4% da amostra. Já a cerâmica Espinha de Peixe também está formada em sua maior parte por fragmentos de borda com 70,7% da amostra, corpos decorados representam 21,95% e adornos/apêndices são 7,31% da amostra.

A cerâmica Konduri foi produzida com a técnica de acordelamento (roletado) e compõe 91,6% da amostra, já o modelado está presente em apenas 8,4% da amostra, identificado nos apêndices, nas bases tripodes cônicas e decorações plásticas aplicadas. Um padrão semelhante ocorre na Espinha de Peixe confeccionada com a técnica do acordelado em 87,80% da amostra, havendo fragmentos modelados com adornos em 12,19% da amostra. Quanto à queima incompleta, ela apresentou uma maior diferenciação em relação à proporção, sendo a cerâmica Konduri com queima incompleta em 73,7% da amostra, enquanto a Espinha de peixe apresentou 56,09% da amostra. Em relação à queima completa apenas 26,3% da cerâmica Konduri apresentaram esse atributo, enquanto uma proporção mais significativa (em

relação à Konduri) de cerâmicas Espinha de Peixe apresentaram queima completa, contabilizando 43,90% da amostra.

A cerâmica Konduri apresentou espessura fina com maior incidência de até 1 cm de parede dos fragmentos em 54% da amostra, sendo significativa também espessura entre 1,1 a 2 cm em 41% da amostra e pontual acima desses intervalos, isto é, a espessura entre 2,1 a 3 cm em apenas 2% da amostra e os fragmentos mais espessos (acima de 3 cm) referem-se aos assadores, com 3% da amostra. Já na cerâmica Espinha de Peixe, os fragmentos alisados e finos situados no intervalo entre 0,1 e 1 cm representam 95,12% da amostra e com antiplástico de mineral (areia) em 100% dos fragmentos.

O antiplástico predominante na cerâmica Konduri é o cauixi, havendo grande proporção desse tipo de material na pasta, o que torna a cerâmica bastante porosa, leve e friável. Por vezes, a proporção do cauixi é menor, o que torna a cerâmica pouco mais dura. O tratamento de superfície Konduri é alisado em ambas as superfícies e foi identificado em 86,3% da amostra, mas, devido ao caráter poroso da cerâmica, há um significativo número de fragmentos com perda de alisamento em 13,7% da amostra.

Os tipos decorativos Konduri são, na maioria, plásticos em 16,84% da amostra, havendo pequena

proporção de pintada em 3,5% da amostra. Devido ao caráter poroso e friável da cerâmica é possível que o tipo pintado aqui representado pelo vermelho esteja sub-representado na amostra devido à maior facilidade de perda. Dentre as decorações plásticas, as mais frequentes são o modelado inciso-ponteadado e suas variações, inciso (simples e com motivos retilíneos e curvilíneos), ponteadado, entalhado, adornos biomorfos, adorno nodular e perfurações.

No material Espinha de Peixe peixe, a proporção de material decorado é de 31,7% em relação à amostra total, sendo predominante os tipos decorativos plásticos, sobretudo, as incisões com motivos geométricos do tipo Espinha de Peixe citado na literatura. Foram verificados dois adornos circulares com perfuração aplicada junto à borda. Há apenas um fragmento com possível pintura vermelha. Em comparação com a cerâmica Konduri, é mais densa e menos friável, o que pode ter interferido no melhor grau de preservação que a superfície desta cerâmica apresenta em relação àquela.

7 CONCLUSÕES

De acordo com os resultados obtidos tanto em campo como em laboratório, observou-se que, de fato, os dois tipos cerâmicos “convivem” nos mesmos níveis estratigráficos de TPA, não havendo aparentemente diferenciação quanto a esse aspecto.

A coexistência do material Konduri e Espinha de Peixe nos mesmos níveis estratigráficos aponta para (i) o revolvimento do solo pelas atividades agrícolas pretéritas e recentes (especialmente as roças de mandioca) nos sítios pesquisados, o que seria responsável pela mistura de horizontes de ocupação diferentes; (ii) pela produção e utilização dessas cerâmicas distintas pela mesma população; (iii) pela coexistência de grupos culturais com indústrias cerâmicas diferentes provenientes de trocas e fluidez de comunicação em ampla região. Ao traçar interpretações a respeito da ocorrência da cerâmica Espinha de Peixe na região, buscou-se uma forma de análise e de apresentar os resultados que não a diluísse em meio às quantificações da cerâmica Konduri.

O levantamento de hipóteses com relação à coexistência de duas indústrias cerâmicas na área de pesquisa não será totalmente respondido nesse artigo, no entanto, de acordo com o depoimento dos moradores da região, provavelmente a questão do revolvimento pós-deposicional do solo devido à retirada dos tubérculos da mandioca seja a que contenha menor probabilidade de ser validada, porém, outras formas de perturbações estratigráficas ocorrem em contextos pós-deposicionais, e isso não descarta posteriores análises levando em consideração o contexto ambiental o qual o material está inserido. Um

aspecto importante para os levantamentos dos sítios na paisagem foi a participação dos moradores das comunidades, cujo conhecimento da área e entendimento das dinâmicas sazonais de cheias, vazantes, bem como reconhecimento de áreas com presença de TPA foi de fundamental importância. Os trabalhos em parceria continuam e serão divulgados em outros artigos, com foco na Arqueologia Colaborativa.

A hipótese da pesquisa, portanto, é a de que a cerâmica Espinha de Peixe seja intrusiva num contexto arqueológico regional em que predominam as cerâmicas Konduri e Santarém, que possuem aspectos tecnológicos e estilísticos marcadamente distintos daquela. A interpretação de que a cerâmica Espinha de Peixe seja resultado da inserção das populações indígenas que habitavam a região nas redes de troca da Guiana e calha principal do Amazonas é corroborada pela literatura etno-histórica e etnográfica. Trata-se de um material de incidência recorrente nos sítios arqueológicos da região, ainda que menos significativo do ponto de vista quantitativo, quando comparado ao Konduri, ocorrendo tanto do baixo Trombetas como em seus tributários (Mapuera, Cachorro e Erepecuru).

Schaan (2014) apresentou severas críticas ao conceito de cultura arqueológica definida pelo histórico-culturalismo, que atribui aos conjuntos

de artefatos que compartilham características similares uma correspondência étnica, isso estaria na realidade, em desacordo com o que se vê no estudo de sociedades tradicionais indígenas (Schaan 2014). A autora argumentava sobre a importância de se entender os processos de mudanças culturais através do tempo, uma vez que a Arqueologia trabalha com períodos de longa duração temporal. Em seu trabalho na Ilha de Marajó, ela mostra que diferenças tanto estilísticas quanto iconográficas em sítios ocupados simultaneamente ao longo de 600 anos indicariam questões sociopolíticas ao invés de diferenças temporais (Schaan 2007). O contexto encontrado no Trombetas é distinto do Marajó, porém, como interpretar a coexistência de indústrias cerâmicas tão distintas em aspectos tecnológicos e estilísticos que surgem no mesmo contexto? O que tal interação sociocultural pode representar?

A fluidez e constante troca entre grupos da região estudada demonstram que priorizar e correlacionar conjuntos cerâmicos com grupos étnicos podem não corroborar com a realidade plural a qual esses grupos viveram e ainda vivem. Tomando-se em conta aspectos tecnológicos e estilísticos, a cerâmica Espinha de Peixe é a que mais se diferencia das demais. Assim, ao se pensar no universo apresentado por Gallois (1986, 2015)

e Caixeta de Queiroz (1999) sobre as relações de troca, simétricas ou assimétricas, entre os povos do Norte da América do Sul, percebe-se uma grande profundidade temporal de relações e fluxo contínuo de trocas, muito anteriores ao período colonial. A mesma reflexão deve ser levada em consideração ao se trabalhar com o conceito de território e distribuição cerâmica. Portanto, nota-se que para compreender e responder às questões desta pesquisa, faz-se necessário aprofundar o entendimento cosmopolítico dos atuais grupos nativos. Assim, uma das alternativas interpretativas seria a realização de análises comparativas entre a tradução etnográfica sobre a concepção cosmológica e de sociabilidade de distintos grupos tradicionais aplicando a um contexto arqueológico. Porém, diferentemente do contexto etnográfico, esse exercício deve considerar a intangibilidade do “outro” no contexto pretérito/arqueológico. Dessa forma, um maior aprofundamento na história oral desses povos poderá tornar possível correlação entre o material arqueológico encontrado com a história pré-colonial de ocupação da região. Finalmente, essa correlação uma vez estabelecida auxiliará a validar a hipótese de inter-relações entre grupos provenientes da Guiana e a região do baixo Amazonas.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de projeto de iniciação científica do primeiro autor deste artigo, que conduziu as análises e pôde apontar uma falta de detalhamento de um tipo cerâmico que poderia auxiliar no entendimento de trocas e fluxos entre grupos do Norte da América do Sul e a região do baixo Amazonas. A morte prematura da orientadora dessa pesquisa não impediu de sua contribuição à Arqueologia amazônica.

Denise Pahl Schaan não mediu esforços em trazer clareza e profundidade ao debate sobre a Arqueologia amazônica. Certamente, ela foi um pilar para o desenvolvimento dos levantamentos arqueológicos e reflexões sobre a diversidade e complexidade de temas na Amazônia. Pesquisadora, mãe, amiga e professora, que sua contribuição traga ainda muito mais inspirações para a história indígena na região.

Agradecemos a todos os moradores das

comunidades do Palhal, Curuçá e Juquirizinho: Acrício, Adeã, Bila, Dona Deuzenira, Dona Guita, Elielma, Faisal, Luciana, Marquinhos, Roseane, Rocha, Sabá, que nos receberam e nos estenderam a mão durante os trabalhos de campo e auxiliaram em todas as etapas de campo, seja realizando mapeamento, pilotando barcos, trabalho de campo ou colaborando de modo integral no trabalho.

Agradecemos também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Universal), ao Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN), à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e ao Laboratório Curt Nimuendajú, pelo apoio institucional; eo Núcleo Integrado de Estudos Interdisciplinares de Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente (SACACA), pelo apoio estrutural e logístico.

Por fim, agradecemos aos demais bolsistas e voluntários que trabalharam neste projeto.

REFERÊNCIAS

- Acevedo, R., E. Castro. 1998. *Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios*. Belém: Cejup/Naea/UFGA.
- Acuña, C. 1994 [1641]. *Novo descobrimento do grande rio das amazonas*. Montevideu: Oltaver S.A. Buenos Libros Activos, Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil.
- Alves, M.L. 2018. Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 13(1):11-36.
- Barbosa Rodrigues, J. 1875. *Exploração e estudo do valle do Amazonas e rio Tapajós*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- Bettendorff, J.F. 1990 [1698]. *Crônica dos padres da companhia de Jesus no estado do Maranhão*. Série Lendo o Pará. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura.
- Brown, C. B. 1876. *Canoe and camp life in British Guiana*. Londres: Edward Stanford.
- Carvajal, G. 1942 [1542]. *Relación del nuevo descubrimiento del famoso Río Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana*. Quito: Biblioteca Amazonas I.
- Castro, L. P. S. 2018. Pratos e panelas Konduri: um banquete xamânico na Amazônia pré-colonial. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Pará, Belém, Brasil.
- Chmyz, I. 1976. Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. *Cadernos de Arqueologia* 1 (1).
- Coudreau, H., O. Coudreau. 1900. *Voyage au Trombetas (1899)*. Paris: A. Lahure.
- Dreyfus, S. 1993. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior da Guiana ocidental (entre o Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796, in *Amazônia: etnologia e história indígena*. Editado por E. Viveiros de Castro, M.C. Cunha, pp. 19-41. São Paulo: Nhii, Fapesp.
- Eremites, O. J. 2003. Sobre os conceitos e relações entre etnohistória e história indígena. *Prosa* 3(1):39-47.
- Farage, N. 1991. *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Anpocs.

- Ferreira Penna, D. S. 1877. Apontamentos sobre os cerâmicos do Pará. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* 2:47-67.
- Fritz, S. 1918. O diário do padre Samuel Fritz com introduções e notas de Rodolfo Garcia. *Rihgb* 81:354-397.
- Funes, E. 2000. Comunidades remanescentes dos mocambos do Alto Trombetas. *Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas*. Departamento de História, Universidade Federal do Ceará.
- Funes, E. 2015. Comunidades Mocambeiras do Trombetas, in *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombos em Oriximiná*. Editado por D.F. Grupioni, L.M.M. Andrade, pp. 16–62. São Paulo: Comissão Pró-índio de São Paulo, Iepé.
- Gallois, D.T. 1986. *Migração, guerra e comércio: os Waiãpi na Guiana*. São Paulo: FFLCH/ USP.
- Gallois, D.T. 2000. Não sabíamos que existiam limites, in *Os índios, nós*. Coordenado por J.P. Brito, pp. 246-51. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- Gallois, D.T. 2005. *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Editora Humanitas.
- Gomes, D. M. C. 2010. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó, in *Arqueologia Amazônica* v. 1. Editado por E. Pereira, V. Guapindaia, pp. 213-234. Belém: Mpeg/Iphan/Secult.
- Gomes, D. M. C. 2011. Cronologia e conexões culturais na Amazônia: as sociedades formativas da região de Santarém-PA. *Revista de Antropologia*: 269–314.
- Gomes, D. M. C. 2020. História da Arqueologia Amazônica no Museu Nacional. *Revista de Arqueologia* 33 (1):3-27.
- Gomes, D.M.C., A.C. Silva, e R. Rodrigues. 2018. Múltiplos territórios: os sítios vizinhos às grandes aldeias de Santarém, PA. *Revista de Arqueologia* 31(1): 3-24.
- Gomes, F. S. 2005. *A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (Séculos XVII – XIX)*. São Paulo: Unesp.

Grupioni, LF., L.M.M. Andrade. 2015. *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-índio de São Paulo, Iepé.

Guapindaia, V. 2008. Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Guapindaia, V., Lopes, D. 2012. Estudos arqueológicos na região de Porto Trombetas, PA. *Revista de Arqueologia* 24(2):50-73.

Hartt, C.F. 1885. Contribuições para a etnologia do Vale do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, 4: 1-172.

Hemming, J. 2007. *Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros*. São Paulo: Edusp.

Heriarte, M. 1964 [1663]. *Descriçam do estado do Maranham, Pará, Corupá, Rio des Amazonas: Faksimile-Ausgabe aus den MSS 5880 und 5879 der Österreichischen National-Bibliothek, Wien*. Viena: Imprensa do filho de Carlos Gerold.

Hilbert, P.P. 1955. A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará* 9.

Hilbert, P.P. K. Hilbert. 1980. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 75:1-15.

Jácome, C. P. 2017. Dos Waiwai aos Pooco-Fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrî), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu). Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Leite, S. 1950. *História da Companhia de Jesus no Brasil* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950. (Tomo X, Índice Geral).

Meggers, B., C. Evans. 1971. *Como interpretar a linguagem da cerâmica*. Washington: Smithsonian Institution.

Meggens, B., C. Evans. 1961. An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest area of South America, in *Essay in pre-colombian art and archaeology*. Editado por S. Lothrop, pp. 372–88. Cambridge: Mass; Harvard University Press.

Neves, E.G. et al. 2014. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas, in *Amazonía: Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Editado por S. Rostain, pp. 137-158. Quito: Ministerio Coordinador de Conocimiento y Talento Humano e IKIAM.

Nimuendajú, C. 2004. Pursuit of a Past Amazon. Archaeological Researches, in *The Brazilian Guyana and in the Amazon Region*. Editado por Per Stenborg. Washington DC: Smithsonian Libraries.

O'Dwyer, E.C. 2002. *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV. pp. 255–80.

Panachuk, L. 2016. Cerâmicas Pocó e Konduri no baixo Amazonas in *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Editado por C. Barreto, H.P. Lima, e C.J. Betancourt, pp. 279-287. Belém: Iphan, Museu Paraense Emílio Goeldi.

Porro, A. 2008. Notas sobre o antigo povoamento indígena do alto Trombetas e Mapuera, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 3(3): 387-397.

Porro, A. 1996. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes; São Paulo:Edusp.

Queiroz, R.C. 1999. A saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwa, in *Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. Editado por R. M. Wright, pp. 255-284. Campinas: Editora da Unicamp.

Queiroz, R.C. 2008. *Trombetas-Mapuera, território indígena*. Brasília: Funai-PPTAL, 2008.

Rice, P. 2005. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press.

Sanjad, N. 2011. Ciência de potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século

XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* 19(1): 133-164.

Schaan, D.P. 2007. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além-e-apesar-das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 2(1):77-89.

Schaan, D.P. 2014. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário Antropológico* 2:13-46.

Schaan, D.P. 2016. Discussing centre-periphery relations within the Tapajó domain, lower Amazon, in *Beyond waters: archaeology and environmental history of the Amazonian inland*. Editado por P. Stenborg, pp. 23-36. Gothenburg: Department of Historical Studies. (GOTARC Series A v. 6).

Stenborg, P., Schaan, D., e Amaral, M. Precolumbian land use and settlement pattern in the Santarem region, Lower Amazon. *Amazônica* 4(1): 222-250, 2012.

Shepard, A. 1985. *Ceramics for the archaeologists*. Washington: Carnegie Institute of Washington.

Schomburgk, R. H. 2006. *The Guiana travels of Robert Schomburgk (1835-1844): explorations on behalf of the Royal Geographical Society (1835-1839)*. Londres: Hakluyt Society.

Simões, M. 1972. Índice das fases arqueológicas brasileiras. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* 18: 1-75.

Souza, M. 2009. *História da Amazônia*. Manaus: Valer.

Ugarte, A.S. 2009. *Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI–XVII)*. Manaus: Valer Editora.

Whitehead, N.L. 1993. Ethnic transformation and historical discontinuity in native Amazonia and Guayana, 1500–1900. *L'homme* 126(128): 285-305.